

POLIFONIA E INTERTEXTUALIDADE EM CHARGES

Lygia Maria Gonçalves Trouche (UFF)

lymt@terra.com.br

Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis [...]. O intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é recuperável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas. (Barthes)

1. Apresentação

Este texto pretende analisar, sob o ponto de vista da encenação discursiva (CHARAUDEAU, 1992), no gênero “charge”, os procedimentos linguísticos, icônicos e discursivos na construção dos efeitos de sentido produzidos pela organização textual. Especificamente, tomaremos como *corpus* de análise charges publicadas no jornal *O Globo* e do site <http://www.chargeonline.com.br>.

O suporte teórico metodológico se fundamenta nos conceitos de texto, contexto, intertextualidade e polifonia vinculados ao conceito de conhecimento sociocognitivo. Essa análise visa, portanto, à discussão dos aspectos linguísticos e icônicos que, via inferenciação, atualizam o conhecimento de mundo, o conhecimento da situação comunicativa, o conhecimento estilístico e, especificamente o conhecimento de outros textos e discursos que permeiam a cultura.

A proposta de nossa reflexão é apresentar, sob uma perspectiva pedagógica, os conceitos de polifonia e de intertextualidade como um caminho para a interpretação do(s) sentido(s) do texto.

Temos, pois, como objetivo principal evidenciar que a charge pode dialogar com outros textos não verbais de circulação social (fotos, pinturas, escultura etc.) ou verbais, incorporando-os ao seu próprio texto, agora já sob novos valores de significado.

Essa análise visa, portanto, à discussão dos aspectos linguísticos e icônicos que, via inferenciação, permitem um trabalho pedagógico de leitura crítica e abrangente não só de aspectos discursivos, mas também de fatos do cotidiano de nossa cultura.

2. *Texto: produto da atividade discursiva*

O texto é um produto da atividade discursiva. Isso implica entender que o sentido do texto resulta de uma atividade sociocomunicativa entre interlocutores. O ato de comunicação (CHARAUDEAU, 1992, p. 634) é um dispositivo composto de um sujeito falante (locutor na fala ou na escrita) e de um interlocutor que mantém entre si uma relação para a produção dos sentidos. Logo, a participação do leitor é fundamental na cocriação do sentido do texto.

Um texto, para cumprir sua função social, naturalmente equilibra a informação nova com o já sabido, para que possa haver a progressão das ideias, sem o excesso de novidade que o tornaria hermético, dificultando ou até impedindo que inferências sejam realizadas.

Sabemos, também, que o texto sempre dialoga com outros textos recorrentes em dada sociedade. Assim, a remissão frequentemente se faz a “conteúdos de consciência” (INGEDORE, 2000) guardados na memória do interlocutor que, a partir de “pistas” encontradas na superfície textual, são (re)ativadas, via inferenciação. Por inferência entende-se, de modo simples, a capacidade que possui o interlocutor de tornar explícito o que está implícito. Para tanto, além de conhecimentos linguísticos, requer-se do interlocutor a “leitura” das redes de intertextualidade, da situacionalidade, da informatividade e da pragmática.

O processo de inferenciação se dá com base no conhecimento de mundo (ou saber enciclopédico) e nas práticas sociais compartilhadas. Assim, com ancoragem na informação dada, opera-se a progressão textual através da introdução de informação nova, estabelecendo-se as relações de sentido. Quer para a remissão, quer para a progressão textual, cada língua possui uma série de recursos expressivos, englobados como coesão textual.

A relação entre informação textualmente expressa e conhecimentos prévios e/ou partilhados pode ser evidenciada, levando-se em conta a intertextualidade, a situação comunicativa e todo contexto sociocultural.

A proposta de nossa reflexão é apresentar os conceitos de polifonia e de intertextualidade, sob o ponto de vista da análise do discurso, como um caminho para se abordar o sentido do texto. Como ressalta Maingueneau (1997, p. 9),

A existência e o sucesso da análise do discurso, ou, mais exatamente, daquela que, por vezes, é chamada de “escola francesa de aná-

lise do discurso” não são coisas por si evidentes. O lugar de uma disciplina desta natureza não estava previamente inscrito no campo do saber. Na realidade, é preferível interpretá-la, no interior de uma certa tradição, como o encontro de conjuntura intelectual e de uma prática escolar.

Nosso objetivo, portanto, será discutir a produção de sentido de textos (verbais e não verbais) de jornal, privilegiando o ponto de vista de fatores constitutivos da textualidade: a polifonia (e a intertextualidade).

3. *Gênero “charge”*

Charge é um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com uma ou mais personagens envolvidas. Naturalmente, possui um alcance maior do que um editorial, por exemplo, por isso a charge, como desenho crítico, é temida pelos homens públicos.

As charges são elaboradas por desenhistas e podem retratar diversos temas como, por exemplo, assuntos cotidianos, política, futebol, economia, ciência, relacionamentos, artes, consumo, etc. Costumam ser publicadas em jornais, revistas, livros, etc. e com o desenvolvimento da Internet, apareceram vários sites especializados em charges.

Observemos os exemplos a seguir de textos híbridos (verbal não verbal) como também uma forma de ler criticamente o mundo, de produzir significados, estabelecendo nexos com o real empírico. Nas charges de Chico, a seguir, há, pelo menos, duas grandes “vozes” na composição estrutural do texto e no efeito de sentido que provocam – as obras “O grito” de Munch e “O grito do Ipiranga” de Pedro Américo. A charge recebe o título do “Os gritos” numa clara alusão ao novo significado que se constrói. O terceiro grito, a charge de Chico, transforma a sensação de dor, de susto e de horror (perceptíveis no quadro de Munch) em sensações semelhantes, agora, óbvias como decorrência da situação política brasileira representada, pela interferência na pintura de Pedro Américo: trocam-se figuras históricas, por políticos cassados responsáveis por sucessivas crises de ética no governo Lula, bem como de outros candidatos à presidência da República – todos englobados em rejeição semelhante. A interpretação, embora não seja a única possível, permite perceber tanto uma crítica aos candidatos à presidência da República, quanto ao comportamento vergonhoso de grande parte de políticos brasileiros. A polifonia se manifesta ainda no nome “Os gritos” em clara correspondência

às pinturas de Munch, de Pedro Américo e a charge de Chico. Cada grito com um significado especial. Os significados de cada um acabam por produzir novos efeitos de sentido já mencionados. Embora as charges se refiram a fatos já passados no tempo, são importantes para destacarmos questões de intertextualidade polifonia.



O GRITO, Munch



O Grito do Ipiranga, Pedro Américo



O Globo, 7/09/06



O Globo, 11/09/06

Um texto sempre dialoga com outros textos recorrentes em dada sociedade. Assim, a remissão frequentemente se faz a “conteúdos de consciência” (INGEDORE, 2000) guardados na memória do interlocutor que, a partir de “pistas” encontradas na superfície textual, são (re)ativadas, via inferenciação.

Observemos as seguintes charges do jornal O Globo de 13 e 15 de agosto de 2011, respectivamente:



Percebe-se, por inferenciação, que o assunto em destaque pelo chargista se refere às denúncias de corrupção nos diversos ministérios do governo federal e, agora, envolvendo também altos escalões do exército.

A realização de inferências caracteriza um aspecto fundamental na leitura/compreensão e interpretação de textos e relaciona-se com o “conhecimento de mundo” do leitor. Entende-se por inferência a capacidade que possui o interlocutor de tornar explícito o que está implícito. Para tanto, além de conhecimentos linguísticos, requer-se do interlocutor a “leitura” das redes de intertextualidade, da situacionalidade, da informatividade e da pragmática.

Para que a inferência se realize, faz-se necessária uma certa familiaridade com outras manifestações discursivas, a fim de que as relações textuais se evidenciem na leitura.

4. Aspectos fundamentais para compreensão e interpretação do texto

Destacamos como componentes essenciais para a atualização de sentidos do texto a inferenciação, a intertextualidade e a polifonia.

O processo de inferenciação se dá com base no conhecimento de mundo (ou saber enciclopédico) e nas práticas sociais compartilhadas. Assim, com ancoragem na informação dada, opera-se a progressão textual através da introdução de informação nova, estabelecendo-se as relações de sentido.

A intertextualidade, em síntese, diz respeito aos modos como a emissão, e a recepção de um texto dependem, para a produção de sentido, do (re-)conhecimento que se tenha de outros textos com os quais possa relacionar-se. Tome-se, ainda como exemplo, o seguinte trecho:

Uma das formas mais comuns e contraditórias de buscar transmitir experiência e proferir conselhos conclusivos a partir de uma vivência presumidamente autorizada e consistente é aquela expressa nas máximas e aforismos [...] Para evitar um dogmatismo que, muitas vezes, cumpre uma função doutrinadora e indutora de fragilidade mental, é preciso ir colocando incômodos pontos de interrogação ao final de muitas máximas. De fato, quem espera sempre alcança? A pressa é inimiga da perfeição? A vingança tarda, mas não falha? Cada um sabe onde aperta o sapato? Deus ajuda quem cedo madruga? O silêncio é de ouro? [...] Duvidemos um pouco...

(Mário Sérgio Cortella, “Folha equilíbrio”, *Folha de S. Paulo*, 6/02/03)

Há essas vozes que correspondem a um enunciador genérico cujo texto faz parte do repertório de uma comunidade. Os provérbios produzem uma “enunciação-eco” (KOCH, 2000, p. 50) de um número ilimitado de enunciações anteriores do mesmo provérbio, cujo efeito de verdade é garantido pelo enunciador genérico, representante do saber comum.

Parece, pois, essencial que o professor, ao discutir um texto em sala de aula, chame atenção para a questão da intertextualidade como um fator decisivo de coerência e de construção dos sentidos. Não se deve abordar um texto de forma ingênua, mas com uma atitude de análise que privilegie as marcas enunciativo-discursivas.

Maingueneau faz uma distinção entre intertextualidade e intertexto: o intertexto é o conjunto de fragmentos convocados (citações, alusões, paráfrase...) em um corpus dado, enquanto intertextualidade é o sistema de regras implícitas que subjaz a esse intertexto, o modo de citação que é julgado legítimo pela formação discursiva, o tipo ou o gênero de discurso do qual esse corpus provém. (MAINGUENEAU & CHARAUDEAU, 2004, p. 289)

Já o termo polifonia designa as diversas vozes responsáveis pelas diferentes perspectivas, pontos de vista, posições ideológicas que constituem um enunciado. Em qualquer cena enunciativa (enunciação em espaço instituído, definido pelo gênero) interagem personagens (figuras do discurso) que podemos assim resumir:

- a) locutor: é o que fala, o que é entendido como fonte do dizer. É referido pelo pronome pessoal “eu” com suas demais marcas de primeira pessoa. É uma personagem discursiva;
- b) sujeito falante empírico: é o produtor efetivo do enunciado;
- c) enunciator: é o que representa a pessoa que vê (o centro de perspectiva).

Eis a distinção proposta por Ducrot: sujeito falante “é o autor empírico do enunciado, seu produtor [...] exterior ao sentido do enunciado”; o locutor “um ser que, no próprio sentido do enunciado, é apresentado como seu responsável”; o enunciator “um ser de pura enunciação, que determina o ponto de vista a partir do qual os acontecimentos são apresentados”. Isso lhe permite tratar o problema da polifonia. (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU (2004, p. 319)

Os pontos de vista expressos pelos enunciadores podem coincidir ou não entre si, bem como podem coincidir ou não com a perspectiva do

locutor; temos, então, casos de adesão ou não à (s) perspectiva (s) polifonicamente enunciada (s).

Vejamos os exemplos:

a)



Intertextualidade: aproveitamento irônico, com mudança de sentido do verbo “precisar” de texto de Fernando Pessoa: “Navegar é preciso, viver não é preciso”./ Navegar é preciso, governar não é preciso.

Polifonia: voz do cartunista em sua crítica às constantes viagens do presidente Lula; voz geral do senso comum que também criticava a postura do presidente.

b)



Intertextualidade: alusão irônica ao código de barras (imagem) que indica o preço das mercadorias, com crítica à ação devastadora dos desmatamentos como resultado de busca de grandes lucros ilegais.

Polifonia: ênfase à voz constante dos que criticam a atitude pouco eficaz dos governos no combate ao desmatamento e a venda de madeira ilegal; alusão implícita à corrupção existente nesse assunto.

c)



<http://www.chargeonline.com.br>

Intertextualidade e polifonia: o aspecto icônico (o mapa do Brasil) despencando como as encostas dos morros devido aos temporais como uma forte e contundente crítica ao descaso dos governos. O desenho lembra as tristes fotos jornalísticas dos desabamentos das encostas pelos temporais frequentes na cidade. Percebe-se a alusão à população pobre, representada pela mulher e pelas crianças que assistem impotentes ao desmoronamento.

O chargista, em sua crítica ao descaso do poder público, mostra o Brasil “desmoronando”, crítica que se faz também em vários setores da sociedade.

Como se pode notar, não há coincidência total entre os conceitos de intertextualidade e polifonia. O conceito de polifonia é mais amplo que o de intertextualidade, isto é, todo caso de intertextualidade é um ca-

so de polifonia, não sendo, porém, verdadeira a recíproca: há casos de polifonia que não podem ser vistos como manifestações de intertextualidade.

5. *Reflexões finais*

A análise de texto implica sempre um trabalho de letramento continuado ao longo da vida, pois como todo ato de leitura põe, face a face, quase sempre em confronto, conhecimentos de mundo e experiências discursivas diferentes. Muitos aspectos não podem ser relegados no ato de comunicação para a construção de sentido do texto, sempre resultante de uma interação necessária entre os interlocutores.

Segundo Charaudeau (2006:67),

A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação. Como poderiam trocar palavras, influenciar-se, agredir-se, seduzir-se, se não existisse um quadro de referência?

Assim, a leitura como atividade pedagógica requer do professor uma experiência como leitor capaz de permitir uma orientação segura a seus alunos, para que se tornem também eles leitores menos ingênuos, frente à construção textual. É imprescindível a percepção e a descrição desse quadro de referências, para que as trocas linguageiras se deem entre os interlocutores, de forma consciente. Parece que um trabalho de leitura que valorize as questões de polifonia e intertextualidade poderá expandir, de modo expressivo, a capacidade de compreensão e interpretação de texto dos alunos.

Afinal, os textos que circulam em nossa cultura acabam por produzir efeitos de sentido, construindo simbolicamente o real. Os textos que nos rodeiam, (jornalísticos ou não), têm uma função importantíssima na construção de nosso senso crítico, se formos alertados para as estratégias de sua produção e para as estratégias de recepção.

Esse foi o objetivo desta comunicação: apontar estratégias de leitura para uma análise crítica dos enunciados. O reconhecimento das vozes que se fazem representar nos textos, de modo explícito ou implícito, permite que o leitor seja sujeito de sua recepção, estabelecendo um diálogo produtivo com os textos.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFIAS

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

_____. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências m análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.